

## **Papel de Jornal ou Papelão? A Operação Midiática da Desocupação do Pinheirinho pelo Jornal “O Vale”<sup>1</sup>**

Claudia Regina LEMES<sup>2</sup>

Instituto de Psicologia da USP (IPUSP)

Paulo Roxo BARJA<sup>3</sup>

LabCom Univap, Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP

### **RESUMO**

A história recente de São José dos Campos é marcada pela desocupação do Pinheirinho, bairro irregular formado na Zona Sul da cidade que contava com aproximadamente 8000 moradores em 2012. A desocupação, no início de 2012, empregou mais de 2000 policiais militares e gerou polêmica na imprensa e na opinião pública. O presente trabalho analisa o tratamento dispensado pelo jornal local (“O Vale”) ao Pinheirinho, nos meses que antecederam a desocupação. Foram selecionadas matérias respeitando os critérios: *i*) área publicada igual ou superior a um terço da área impressa da página; e *ii*) presença de fotos na matéria. Os critérios levaram à seleção de três artigos, datados de agosto de 2011, outubro de 2011 e janeiro de 2012. A análise das matérias evidencia uma operação midiática de desocupação, iniciada antes da retirada dos moradores.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; jornalismo; operação midiática; polícia; política.

### **Introdução**

De 2004 a 2012, na cidade de São José dos Campos (SP), uma extensa área abandonada foi gradualmente ocupada até formar um bairro que chegou a abrigar mais de mil e seiscentas famílias. Tratava-se do Pinheirinho, terreno que compreendia uma área em torno de 1,3 milhão de metros quadrados na Zona Sul do município (ÚLTIMO SEGUNDO, 2012). Nos anos 1960, o Pinheirinho (assim como uma extensa área do município, incluindo todo o atual bairro Campo dos Alemães) era propriedade de uma família de alemães mortos ao final daquela década, em crime imputado a um grupo de adolescentes. Em 1981, o terreno foi vendido por Benedito Bento Filho (operador imobiliário de São José dos Campos) a Naji Nahas; na certidão do cartório de registro de imóveis, consta que a propriedade seria da Selecta Comércio e Indústria S/A, holding que englobava 27 empresas pertencente a Naji Nahas (GRANJEIA; CAPRIGLIONE; BERGAMO, 2012; CARTA CAPITAL, 2012). No entanto, Nahas e a Selecta S.A. nunca utilizaram efetivamente o terreno, que ficou abandonado por mais de 20 anos (JUSTIÇA GLOBAL, 2012). Segundo Ginjo (2016), logo após ter adquirido o imóvel, Nahas utilizou o terreno como garantia para empréstimos:

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do IPUSP, email: [claurlemes@gmail.com](mailto:claurlemes@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor, LabCom Univap, email: [barja@univap.br](mailto:barja@univap.br)

[...] o primeiro, em 1982, no valor de um bilhão de cruzeiros, o equivalente a R\$ 20 milhões em 2012, contraído com o banco BCN, com sede no Brasil. O segundo, em 1986, no valor de 10 mil dólares, contraído com o banco Bamef Lanque de La Mediterranée, com sede na França. (GINJO, 2016, p.39)

Nahas, empresário libanês naturalizado brasileiro, tem atuação polêmica no mercado financeiro brasileiro desde 1969, quando chegou ao país, tendo sido condenado pela justiça pela quebra da Bolsa de Valores do RJ em 1989, após atuação considerada fraudulenta no mercado acionário visando inflar o preço de ações em seu poder (CARTA CAPITAL, 2012; O GLOBO, 2012). Entre as empresas que faliram na ocasião, estava a Selecta S.A. (GINJO, 2016).

### **1.1 Ocupação e desocupação do Pinheirinho**

Segundo Andrade (2012), no ano de 2004, o terreno foi ocupado por diversas famílias, incluindo migrantes vindos de outras regiões do Brasil; durante os oito anos seguintes, a região foi crescendo em população. Em janeiro de 2012, o Pinheirinho possuía associações de moradores, sete igrejas (seis evangélicas e uma católica), estabelecimentos comerciais, um parquinho para crianças (construído em mutirão pelos moradores) e uma grande praça (Zumbi dos Palmares). A desocupação do Pinheirinho ocorreu no dia 22 de janeiro de 2012, quando milhares de moradores da ocupação

[...] foram surpreendidos pelo cerco formado por helicópteros, carros blindados e aproximadamente 2000 policiais militares. As saídas foram interditadas e cortados água, luz e telefone, sob a ordem de que as famílias se recolhessem para iniciarem o processo de desocupação. (JUSTIÇA GLOBAL, 2012)

Juridicamente, a desocupação do Pinheirinho teve idas e vindas:

[...] embora tenha sido determinada pela 3ª vara cível a desocupação do Pinheirinho, horas antes do fato a juíza federal substituta suspendeu a ordem de remoção das famílias. Mais tarde o juiz titular da 3ª vara federal cassou essa liminar mantendo a reintegração de posse. (Duarte; Leandro; Rechilian; 2012, p.4)

Embora a desocupação tenha se concretizado no início de 2012, chama a atenção o fato de que o jornal impresso local (“O Vale”) tenha modificado, ao longo do segundo semestre de 2011, as formas de descrever o bairro, cujos moradores buscavam regularização. O presente artigo pretende mostrar que o jornal local atuou no sentido da formação da opinião pública local em relação ao caso Pinheirinho, antecipando em cerca de cinco meses o processo efetivo de desocupação.

## **1. Metodologia**

O presente trabalho parte de uma pesquisa bibliográfica e análise comparativa de textos e imagens de reportagens publicadas no jornal “O Vale” (disponíveis para consulta online) no período que vai de agosto/2011 a fevereiro/2012. Diversos outros jornais que noticiaram o assunto também foram também consultados, para conceituação e delimitação do objeto de pesquisa, avaliando-se a exploração e exposição do tema

nestas fontes. Numa segunda etapa, foram selecionadas matérias publicadas pelo jornal “O Vale” ao longo dos seis meses que antecederam a desocupação do Pinheirinho. Os critérios de seleção adotados foram: i) a área publicada (mínimo de área correspondente a um terço da área impressa da página); e ii) a presença de imagens na matéria. Chegou-se assim a três matérias, datadas de agosto de 2011, outubro de 2011 e janeiro de 2012. Após a seleção, procedeu-se à leitura aprofundada tanto dos textos como das imagens. A discussão e a análise tomaram por referencial teórico a obra “Padrões de manipulação na grande imprensa” de Perseu Abramo (2003), incluindo-se como objeto de análise tanto os textos como as imagens escolhidas pela editoria do referido jornal para ilustrar as matérias.

## 2. Resultados

Para melhor compreender a mudança verificada no discurso midiático durante o período prévio à efetiva desocupação do Pinheirinho, cabe apresentar uma declaração do então prefeito de São José dos Campos, Eduardo Cury, a partir da qual desenvolve-se o que chamaremos de “cronologia midiática da desocupação”. Em 12 de agosto de 2011 (portanto, cinco meses antes da desocupação do Pinheirinho), em entrevista à Rádio Piratininga, o então prefeito Cury afirmava que os moradores do Pinheirinho estavam buscando “o caminho correto” para a regularização que, no entanto, seria ainda “um processo longo” (RÁDIO PIRATININGA 750 AM, 2011). Tal discurso era corroborado por notícias publicadas no jornal “O Vale” à mesma época. Uma delas, de 21/08/2011, selecionada para análise no presente trabalho, abria com a frase: “Todos os dias, durante a manhã, cerca de 10 policiais militares vão ao *bairro* (...)” (RODRIGUES, 2011). A matéria era acompanhada pela imagem apresentada na Figura 1.



Figura 1: Imagem da matéria sobre Pinheirinho publicada no jornal local em 21/08/2011 (RODRIGUES, 2011). Observa-se a presença de crianças junto à oficial da PM.

Nota-se, na Figura 1, a escolha de uma imagem com crianças e polícia em harmonia compondo o cenário de um bairro pacífico. Por outro lado, na segunda matéria selecionada, publicada em 14/10/2011, o mesmo jornal apresenta uma mudança significativa no discurso quando traz a notícia de um corpo encontrado no Pinheirinho, porém agora descrito como “*acampamento* na zona sul de São José” (SARDINHA, 2011; a matéria era acompanhada pela imagem apresentada na Figura 2).



Figura 2: Imagem da matéria sobre Pinheirinho publicada no jornal “O Vale” em 14/10/2011 (SARDINHA, 2011). A imagem agora retrata apenas os barracos em um dia nublado, escuro – omitindo a existência de famílias, crianças, cidadãos.

Observamos, assim, duas alterações essenciais: 1) o “bairro” passa a ser chamado de “acampamento” (termo utilizado daí em diante, até a desocupação); 2) o Pinheirinho passa a ser descrito como território do crime. A imagem escolhida pelos editores concretiza a mudança do discurso midiático, que é corroborada pela terceira matéria, publicada dias antes da desocupação sob o título “Migrantes encabeçam pelotão”. Eis a abertura da matéria (cuja apresentação visual aparece na Figura 3):

Pedreiros e ajudantes de obras que vieram de outras regiões do Brasil para trabalhar na construção civil em São José lideram o movimento de resistência à reintegração de posse no acampamento do Pinheirinho (O VALE, 2012).



Figura 3: Imagem da matéria sobre Pinheirinho publicada no jornal local em 15/01/2012, uma semana antes da desocupação (O VALE, 2012).

### 3. Discussão

Segundo Alvarez e Prados (2011), “*numa cultura, os discursos constituem redes de significação e estão inseridos num processo dinâmico*”.(p.3) Isto explica a inserção de certos discursos reforçados por meios de comunicação em determinada época, espaço e contexto, permitindo assim leituras semióticas. Conforme afirma Bakhtin (2006), a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social, devendo por isso ser colocada em primeiro plano no estudo das ideologias.

Cinco meses antes da desocupação, o jornal empregava a palavra “bairro” para descrever o Pinheirinho que, na ocasião, não era retratado como área de criminalidade exacerbada. A reportagem de agosto transcreve uma declaração do capitão da PM Ricardo Gobbo afirmando que “O Pinheirinho não é um bairro com índices criminais elevados” (RODRIGUES, 2011).

A análise das matérias publicadas no jornal “O Vale” indica o mês de setembro de 2011 como momento da mudança de posição do jornal em relação ao Pinheirinho. Esta mudança é marcada pela oposição entre os termos “bairro” (termo empregado até setembro de 2011) e “acampamento” (termo padrão que passou a ser adotado no jornal a partir de setembro de 2011, até a desocupação efetiva).

Para avaliar o significado da mudança de vocabulário empregado para descrever o Pinheirinho, compare-se as definições de “bairro” e “acampamento”. Resumidamente, de acordo com o Dicionário Ilustrado Larousse, bairro é “*cada um dos núcleos habitacionais, industriais ou comerciais em que uma cidade é dividida*” (LAROUSSE, 2007). O Pinheirinho possuía ruas e casas de alvenaria (a grande maioria), além de área verde, comércio, igrejas e uma praça central com um parquinho construído em regime de mutirão (Figura 4).



Figura 4: Crianças brincando no Pinheirinho na véspera da desocupação (21/jan/2012). A imagem evidencia que se trata de um bairro, não um acampamento (foto: P.R.Barja).

Consultando mais uma vez o Dicionário Ilustrado Larousse (2007), encontramos a seguinte definição:

Acampamento – 1. Ato ou efeito de acampar. 2. O lugar em que se acampa. 3. Conjunto de barracas instaladas para abrigar a tropa. 4. **Instalação provisória** (de tropas, de turistas). 5. Grupo de pessoas acampadas (LAROUSSE, 2007).

Evidencia-se assim que um *bairro* possui caráter permanente, perene, enquanto um *acampamento* apresenta caráter provisório. Partindo das definições citadas, é fácil perceber que o processo natural de ocupação de um terreno pode caminhar no sentido da formação de um bairro a partir de um acampamento, mas dificilmente ocorreria o processo inverso, ou seja: um bairro não tende a se transformar em acampamento. No entanto, colocadas em ordem cronológica, as matérias publicadas no jornal local desconsideram este fato, partindo para o que Abramo (2003) designa como destruição da realidade original e criação artificial de outra realidade. Nesse sentido, as fotografias utilizadas pelo jornal para ilustrar as matérias mostram claro paralelismo com a evolução cronológica do discurso escrito, o que por sua vez reforça a constatação de que se trata de movimento coordenado de alteração da linha editorial do jornal diante do caso.

A imagem publicada em agosto destaca a presença harmônica de crianças (moradoras do bairro) e policial, confirmando a declaração do capitão da PM transcrita pelo jornal (“O Pinheirinho não é um bairro com índices criminais elevados”). Já a segunda matéria, de outubro, mostra uma inversão no posicionamento do jornal sobre o Pinheirinho, que passa a ser descrito como palco de atividades suspeitas e vinculado ao tráfico de drogas. A foto que ilustra a matéria (Figura 2) mostra barracos e construções precárias sob um céu nublado que contrasta fortemente com as cores fortes/quentes da matéria anterior.

Por fim, a terceira imagem volta a mostrar crianças, porém completa o fenômeno da inversão: agora, em vez de sorriso, há choro, e as crianças não estão acomodadas em um imóvel (fixo, ainda que precário fosse), mas em um automóvel (Figura 3), antecipando visualmente a futura desocupação do local. A imagem é colocada para induzir o leitor a ver o mundo como querem que ele veja. Como afirma Abramo (2003):

A indução se manifesta pelo reordenamento ou pela contextualização dos fragmentos da realidade, pelo subtexto – aquilo que é dito sem ser falado – da diagramação e da programação, das manchetes e notícias, dos comentários, dos sons e das imagens, pela presença/ ausência de temas, segmentos do real, de grupos da sociedade e de personagens. (ABRAMO, 2003, p. 34)

Em particular, nas matérias cronologicamente mais próximas da efetiva desocupação do Pinheirinho, encontram-se claramente expressas no jornal as duas linhas principais do discurso pró-desocupação: 1) Criminalização do movimento de resistência à desocupação (com o uso de palavras como “pelotão”); 2) Ênfase na oposição “local x migrantes”, sugerindo que o Pinheirinho estava ocupado não por “joseenses”, mas por “migrantes” – outra eloquente mudança de vocabulário.

Assumindo-se que acampamentos não tenham parquinhos construídos em mutirão nem casas de alvenaria, pode-se afirmar que o jornal distorceu a realidade quando passou a chamar de “acampamento” o que era um bairro à espera de regularização (como quase uma centena de outros, no mesmo município). A conduta do jornal insere-se no que Abramo (2003) chama de “padrões de manipulação”,

divididos pelo autor em quatro categorias: i) ocultação; ii) fragmentação; iii) inversão; iv) padrão global. A ocorrência deste padrões na sequência de matérias analisadas caracteriza o que chamamos de operação midiática da desocupação.

O jornal fragmenta os fatos por redução, descontextualiza e reordena as partes para destruir a realidade original: fragmenta, ao reduzir os moradores à condição de 'migrantes', ou seja, pessoas que não são nascidas na cidade. Já a palavra “pelotão” remete à guerra e se opõe à própria noção de comunidade, manipulando os fatos pela inversão, uma vez que não foram os moradores que buscaram o confronto: o Estado é que resolveu pela desocupação em favor de Nahas, ainda que este nunca houvesse efetivado uso do terreno e acumulasse 30 anos de dívidas de impostos relativos ao mesmo (GINJO, 2016).

A mudança de discurso e de linguagem do jornal ocorreu em paralelo à mudança de discurso do poder público municipal e estadual. A medida se aproximava o momento da desocupação. O jornal utiliza o padrão de manipulação descrito por Abramo (2003) como inversão da versão pelo fato: “[...] *não é o fato em si que passa a importar mas a versão que dele tem o órgão de imprensa, seja essa versão originada no próprio órgão de imprensa, seja adotada ou aceita de alguém* (ABRAMO, 2003, p.28). Aplicada a um público imbuído de análise crítica, esta prática não teria grandes consequências, pois o esclarecimento permitiria perceber as manipulações. No entanto, um leitor ingênuo pode ser incitado a adotar a opinião veiculada na mídia como sendo sua, correndo o risco de difundir preconceitos e discriminações (acreditar que os migrantes teriam menos direitos que os demais cidadãos, por exemplo).

As notícias do jornal local acompanharam a mudança de posicionamento do então prefeito Eduardo Cury (PSDB): em agosto, o prefeito afirmava que a população do Pinheirinho estava “caminhando corretamente” no sentido da regularização do bairro, inclusive recebendo o Secretário Estadual de Habitação (RÁDIO PIRATININGA 750 AM, 2011). No entanto, os meses seguintes revelaram um movimento coordenado dos governos municipal e estadual no sentido da desocupação do terreno.

A pergunta deste trabalho é: o que levaria um jornal a modificar seu vocabulário de modo a sustentar, a partir de setembro de 2011, um discurso (sobre a ocupação) contrário ao emitido até então? É fato que um dos maiores anunciantes do jornal “O Vale” é o governo estadual de São Paulo (o que pode ser facilmente comprovado, por exemplo, a partir das frequentes inserções de propaganda do governo estadual na versão online do jornal). Isso, porém, não constitui prova inequívoca dos possíveis interesses políticos envolvidos – ainda que tenha sido o governador que autorizou (e, em última análise, comandou) a invasão do Pinheirinho por 2.200 policiais militares, na ação de desocupação.

Defendemos a ideia de que o problema aqui extrapola a esfera política e tem, de certo modo, raiz na própria história da cidade, que no início do século XX era reduto de tuberculosos. Esta condição teria criado nos joseenses uma espécie de “resistência natural” à chegada de migrantes, como aponta Chuster (2010):

A sociedade de São José dos Campos, ao se deparar com as levas de tísicos (...) que se hospedavam em repúblicas, pensões, hotéis e sanatórios, naturalmente buscou, de alguma forma, se defender, para não colocar suas famílias em risco. (CHUSTER, 2010)

Este caráter reservado dos habitantes josesenses das primeiras décadas do século XX pode ter sido transportado até a atualidade. Conforme afirma Bauman (2001):

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício (BAUMAN, 2001, p.26).

O processo de estudo e exercício proposto por Bauman, em princípio, pode/deve ser favorecido pela mídia, justamente pelo “poder da informação” por ela representado. No entanto, para que possa ocorrer em plenitude, requer postura imparcial dos veículos de comunicação e/ou profunda capacidade de leitura por parte do consumidor das notícias.

Abramo (2003) alerta que uma das principais características do jornalismo brasileiro advindo da grande imprensa é a manipulação da informação: trata-se de um fenômeno que oferece ao público um material informativo relacionado com a verdade para alimentar a necessidade de saber do espectador, mas que na verdade constitui-se uma *"realidade irreal que é a contrafação da realidade"* (ABRAMO, 2003, p. 23). O autor compara a proximidade da relação entre a imprensa e a realidade com a relação que se observa entre um espelho deformado e o objeto que ele reflete: a imagem distorcida tem algo a ver com o objeto, mas não é o objeto – e, por ser distorcida, não é sequer uma reprodução fiel da imagem do objeto. Abramo (2003) defende ainda que o público é frequentemente colocado diante de uma realidade criada artificialmente pela imprensa, dado que os veículos de comunicação atuam como "proprietários" da informação, transformando-a em produto a ser vendido conforme seus interesses ou os de seus clientes.

Ressaltamos aqui que os maiores clientes dos meios de comunicação não são os espectadores/leitores, mas, na maioria das vezes, o próprio poder público ou governamental, que utiliza a comunicação social como meio de propagação ideológica de grupos, setores e classes sociais específicas.

Observando as notícias publicadas no referido jornal verificamos que no primeiro semestre de 2011 o Pinheirinho era descrito como bairro, mas o jornal (“O Vale”) ao longo do segundo semestre de 2011, modificou as formas de descrever o Pinheirinho cujos oito mil moradores buscavam regularização. Ao antecipar em cerca de cinco meses o efetivo processo de desocupação física do Pinheirinho (com a narrativa jornalística caminhando paralelamente à luta judicial pela desocupação), o jornal O Vale exercita o que Abramo (2003) define como “falsa objetividade”. De fato, a escolha do vocabulário no enunciado de um discurso revela a posição ideológica de quem o enuncia, o que é particularmente relevante no caso de um jornal impresso, em que os textos publicados servem como ponto de partida para a formação da opinião dos leitores.

Hoje, o Pinheirinho não é nem acampamento, nem bairro: trata-se de um terreno desocupado, vazio. De todo modo, a leitura crítica das notícias publicadas no jornal local continua sendo uma tarefa útil, pois pode dar indícios de novos processos que estejam próximos de ocorrer na cidade, como a desocupação do Jardim Nova Esperança, na região do Banhado, zona central do município de São José dos Campos (MELHADO, 2014; G1 VALE DO PARAÍBA, 2015).

#### 4. Conclusão

Toda palavra revela um valor subliminar e uma significação histórica e contextual. Nos textos publicados pelo jornal “O Vale” durante o complexo processo que culminou com a desocupação no Pinheirinho, observamos matérias publicadas em que as modificações (com acréscimo, alteração de termos, inversão, distorção e indução de sentidos) revelam a movimentação do jornal em sentido favorável à desocupação, durante o período agosto/2011 a janeiro/2012. Não é possível precisar as razões ou motivações desse posicionamento da mídia impressa em favor do governo municipal, numa ocasião; no entanto, o fato é que, ao promover esta desocupação midiática do Pinheirinho, o jornal manteve-se alinhado à ideologia predominante na elite econômica de um município que, altamente desenvolvido em tecnologias, ainda é socialmente problemático e segregacionista.

#### Referências bibliográficas

ABRAMO, P. **Padrões de Manipulação na Grande Imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

AGÊNCIA SENADO FEDERAL. Entenda o caso Pinheirinho. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2012/02/23/entenda-o-caso-pinheirinho> 2015. Acesso em: 25 fev. 2017.

ALVAREZ, S. M.; PRADOS, R. M. N. Discursos midiáticos e cultura contemporânea. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 13, 2011, Uberlândia. Anais do SILEL, v.2, n.2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/2927.pdf>. Acesso: em 28 fev. 2017.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

CARTA CAPITAL. Questão fundiária de Pinheirinho começou com empresa de Naji Nahas. 2012. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/terras-do-pinheirinho-ja-pertenceram-a-naji-nahas>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CHUSTER, Vitor. Zoneamento e Urbanização da Cidade de São José dos Campos na Fase Sanatorial. In: ZANETTI, V. (org.) **Fase sanatorial de São José dos Campos: Espaço e doença**. SP: Intergraf, 2010. p. 133-162.

DUARTE, Camila Goulart; LEANDRO, Emmily Caroline; RECHILIAN, Paulo Romano. Habitação Social em São José dos Campos Um estudo do caso Pinheirinho (2004/2012).– XV INIC (Encontro Latino Americano de Iniciação Científica) UNIVAP 2012. Disponível em:

[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2012/anais/arquivos/0825\\_0440\\_02.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2012/anais/arquivos/0825_0440_02.pdf). Acesso em: 28 fev. 2017.

G1 VALE DO PARAÍBA, 27/01/2015. Prefeitura de São José dos Campos retira 35 famílias do Banhado. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/01/prefeitura-de-sao-jose-dos-campos-retira-35-familias-do-banhado.html>. Acesso em 8 mar. 2017.

GINJO, Milena de Maio. Pinheirinho: Dinâmicas de Repressão e Resistência na Reconstrução Dogmática do Conflito Fundiário Urbano. 2016. 156p. Dissertação (Mestrado em Direito) – Escola de Direito de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17319/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Milena%20de%20Maio%20Ginjo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 15 fev. 2017.

GRANJEIA, Juliana; CAPRIGLIONE, Laura; BERGAMO, Marlene. O senhor do Pinheirinho. Folha de São Paulo, edição de 11/mar/2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/30547-o-senhor-do-pinheirinho.shtml>. Acesso em: 28 fev. 2017.

JUSTIÇA GLOBAL. Pinheirinho: Um Relato Preliminar da Violência Institucional. 2012. Disponível em: <http://www.global.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Pinheirinho-um-Relato-Preliminar-da-Violencia-Institucional.-2012..pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

LAROUSSE. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Larousse**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

MELHADO, Nicole. G1, 13/11/2014. Moradores do Banhado articulam movimento contra desocupação. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/11/moradores-do-banhado-articulam-movimento-contradesocupacao.html>. Acesso em 8 mar. 2017.

O GLOBO. O homem que quebrou a Bolsa de Valores do Rio. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/o-homem-que-quebrou-bolsa-de-valores-do-rio-3609758>. Acesso em: 28 fev. 2017.

OVALE, edição de 15/jan/2012. Migrantes encabeçam pelotão. Disponível em: <http://www.ovale.com.br/regiao/migrantes-encabecam-pelot-o-1.207116>. Acesso em 12/nov/2015.

OVALE, edição de 15/jan/2012. Migrantes encabeçam pelotão. Disponível em: <http://www.ovale.com.br/regiao/migrantes-encabecam-pelot-o-1.207116>. Acesso em 12/nov/2015.

---

RÁDIO PIRATININGA 750 AM, 12/08/2011. Prefeito Eduardo Cury comenta visita do Sec. de Habitação do Estado e a questão do Pinheirinho. Disponível em:  
<https://youtu.be/nTojnZXUuho>. Acesso em 12 out. 2015.

RESCHILIAN, Paulo R.; SANTOS, Cíntia R. Representações Sócio Espaciais de Moradores da Favela Nova Tatetuba em São José dos Campos. In: GUIMARÃES, A.C.M.; ZANETTI, V. (orgs.) **São José dos Campos: Cotidiano, Gênero e Representação**. SP: UNIVAP, 2014. p. 125-136.

RODRIGUES, F. PM quer aproximação com moradores do Pinheirinho. O VALE, 21/ago/2011. Disponível em: <http://www.ovale.com.br/nossa-regi-o/pm-quer-aproximac-o-com-moradores-do-pinheirinho-1.146612>. Acesso em 29 jul. 2015.

SARDINHA, João P. Cemitério do tráfico? OVALE, edição de 14/out/2011. Disponível em:  
<http://www.ovale.com.br/cemiterio-do-traffic-1.168646>. Acesso em 10 jul. 2015.  
<https://pt.globalvoices.org/2012/01/24/brasil-pinheirinho-massacre/>

ÚLTIMO SEGUNDO. Área ocupada do Pinheirinho é três vezes maior que o Vaticano. 2012. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/area-ocupada-do-pinheirinho-e-tres-vezes-maior-que-o-vaticano/n1597595413688.html>. Acesso em: 28 fev. 2017.